



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
GRADUAÇÃO EM LETRAS/PORTUGUÊS**

ÍTALO DE FREITA ALMEIDA

A ANALOGIA NOS *PRINCÍPIOS* DE PAUL E NA TEORIZAÇÃO DE SAUSSURE

Maceió
2020

ÍTALO DE FREITA ALMEIDA

A ANALOGIA NOS *PRINCÍPIOS* DE PAUL E NA TEORIZAÇÃO DE SAUSSURE

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do diploma de Graduação no Curso de Letras/Português.

Orientadora: Profa. Dra. Núbia Rabelo Bakker Faria.

Maceió
2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

A447a Almeida, Ítalo de Freitas.
A analogia nos *princípios* de Paul e na teorização de Saussure / Ítalo de Freitas Almeida. – 2020.
26 f.

Orientadora: Núbia Rabelo Bakker Faria.
Artigo (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Português) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2020.

Bibliografia. f. 25-26.

1. Paul, Hermann, 1846-1921. 2. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913. 3. Analogia.
I. Título.

CDU: 81'342.621



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO ALUNO: Ítalo de Freitas Almeida

MATRÍCULA: 14213280

TÍTULO DO TCC: A analogia nos princípios de Paul e na teorização de Saussure

Aos dez dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte, reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: Núbia Rabelo Bakker Faria

1º Prof./a Examinador/a: Fabiana Pincho de Oliveira

2º Prof./a Examinador/a: Jair Gomes de Farias

que julgou o trabalho (X) APROVADO () REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a: 10,0 (dez inteiros)

1º Prof./a Examinador/a: 8.5 (oito inteiros e cinco décimos)

2º Prof./a Examinador/a: 8.5 (oito inteiro e cinco décimos)

totalizando, assim a média 9,0 (nove inteiros), e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

Maceió, 10 de setembro de 2020.

Prof./a. Orientador/a

1º Prof./a. Examinador/a

2º Prof./a. Examinador/a

VISTA DA COORDENAÇÃO



Universidade Federal de Alagoas - Ufal
Campus A. C. Simões - Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro do Martins -
Maceió - AL - CEP: 57072-970
Coordenação da Faculdade de Letras – Fale Sítio: www.fale.ufal.br
E-mail: coordlet@ufal.br Tel.: 82 3214-1333

RESUMO

O papel da analogia no estudo das línguas remonta à Antiguidade (LYONS, 1970), mas não foi até o último quartel do século XIX, com o advento da Escola Neogramática, que ela se tornou protagonista na discussão sobre a mudança linguística ao postularem ser a analogia uma das causas principais das modificações das línguas no curso do tempo. Essa definição foi amplamente veiculada em manuais introdutórios de Linguística, assim como a representação de Ferdinand de Saussure (1857-1913) como participante da Escola Neogramática (PAVEAU; SARFATI, 2006; MOUNIN, 1970), apesar do deslocamento epistemológico operado no século XX por efeito da publicação do seu Curso de Linguística Geral (1970 [1916]). A propósito do problema em torno das influências que Saussure teria recebido, Koerner (2008) assinala que o linguista genebrino foi leitor e recebeu inspiração da obra teórica dos Neogramáticos, os Princípios fundamentais da história da língua (1966 [1880]), de Hermann Paul. Tendo em vista este problema epistemológico, este trabalho, de natureza bibliográfica, tem o objetivo de investigar as possíveis relações entre o conceito de analogia proposto por Saussure no Curso de Linguística Geral e a definição de analogia nos Princípios fundamentais da história da língua, de Paul. No sistema conceitual saussuriano, a analogia se situa no entroncamento dos conceitos de língua e fala e do par sincronia e diacronia ao articular teoricamente o lugar do sujeito no fenômeno linguístico, por outro lado, a analogia na visão de Paul remete a dois conceitos ou dois processos mentais.

PALAVRAS-CHAVE: Paul. Saussure. Analogia.

ABSTRACT

The role of analogy in the study of languages goes back to Antiquity (LYONS, 1970), but it was not until the last quarter of the 19th century, with the advent of the Neogrammatic School, that it became the protagonist in the discussion about linguistic change when they postulated the analogy as one of the main causes of language changes over time. This definition was widely conveyed in introductory Linguistics manuals, as well as the representation of Ferdinand de Saussure (1857-1913) as a participant in the Neogrammatic School (PAVEAU; SARFATI, 2006; MOUNIN, 1970), despite the epistemological displacement operated in the 20th century by effect of the publication of his *General Linguistics Course* (1970 [1916]). Regarding the problem of the influences that Saussure would have received, Koerner (2008) points out that the Genevan linguist was a reader and received inspiration from the theoretical work of the Neogrammatics, the *Fundamental Principles of the history of the language* (1966 [1880]), by Hermann Paul. Because of this epistemological problem, this work, of a bibliographic nature, aims to investigate the possible relations between the concept of analogy proposed by Saussure in the *General Linguistics Course* and the definition of analogy in Paul's *Fundamental Principles of the history of language*. In the Saussurian conceptual system, the analogy is located at the junction of the concepts of language and speech and the synchrony and diachrony pair whilst theoretically articulates the subject's place in the linguistic phenomenon, on the other hand, the analogy in Paul's view refers to two concepts or two mental processes

KEYWORDS: Paul. Saussure. Analogy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. PAUL E SAUSSURE NOS MANUAIS INTRODUTÓRIOS DE LINGUÍSTICA: O PROBLEMA DA ANALOGIA	9
2.1. Paul	13
2.2. Saussure	18
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

A ANALOGIA NOS *PRINCÍPIOS* DE PAUL E NA TEORIZAÇÃO DE SAUSSURE¹

Ítalo de Freitas Almeida²

1. INTRODUÇÃO

A Linguística do século XX foi fortemente influenciada pelo pensamento de Ferdinand de Saussure (1857-1913). O *Curso de linguística geral* (1916), doravante CLG, foi decisivo nesse sentido, apesar dos destinos dessa obra, pode-se afirmar que os linguistas do século XX mantêm “relação com o saussurianismo por *filiação assumida, formação ou reação*” (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017), o que faz do CLG um objeto histórico (NORMAND et al., 1978), e, talvez, a mais importante das peças no jogo constitutivo da história da Linguística Moderna.

A contribuição da reflexão saussuriana para a Linguística do século XX permitiu à ciência da linguagem deslocar o interesse sobre o estudo da mudança das línguas para compreender o fenômeno linguístico integral, i.e., as mudanças que acontecem no tempo e na perspectiva do funcionamento da língua para o falante. Foi o linguista responsável por “formalizar e explicitar as duas dimensões ou perspectivas fundamentais e indispensáveis do estudo da linguagem [...] “deve, pois, ser creditado a Saussure o mérito de distinguir nitidamente o estudo sincrônico do estudo diacrônico ou histórico” (ROBINS, 1979, p. 163).

Por ocasião do novo retorno a Saussure (cf. CRUZ; FARIA, 2019), quando diversos eventos e uma gama de pesquisas heterogêneas produzidas retomam o interesse em torno da produção intelectual do autor genebrino, tornou-se incontornável investigar minuciosamente o sistema conceitual de Saussure com vistas a estabelecer relações históricas e epistemológicas entre a reflexão saussuriana e os participantes do contexto de emergência teórico do linguista.

A motivação deste artigo decorre da observação de Koerner (2008) de que há certas afinidades entre a reflexão linguística de Paul e os conceitos do CLG. Para o autor, os *Princípios fundamentais da história da língua*, de Paul, cuja primeira edição foi publicada em 1880, teria produzido algum tipo de influência no sistema de elaboração conceitual de Saussure uma vez que o linguista genebrino “desenvolveu a maioria de suas ideias sobre Linguística geral no início de 1890 e certamente muito antes de 1901 (p. 106 – tradução

¹ 1 Este artigo traz um recorte da pesquisa de Pibic desenvolvida no ciclo de 2019-2020 sob orientação da Professora Doutora Núbia Rabelo Bakker Faria.

² Graduando em Letras/Português da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas.

nossa)³, portanto Paul deveria ser considerado um “estruturalista *avant la lettre*” (ALBRECHT, 1984 apud KOERNER, 2008, p. 105 – tradução nossa).⁴

Um aspecto metodológico ligado a essa retomada dos estudos saussurianos nos dias de hoje se refere à necessidade de delimitação metodológica que Fiorin (2013) chama de “escolha de leitura” ao afirmar que a investigação científica em torno do material saussuriano precisa, antes, definir um *corpus* de pesquisa, diante da enorme quantidade de fontes disponíveis atualmente e da natureza heterogênea delas.

Nesse sentido, assumimos com Engler (2004) que, sem o trabalho de “assimilação e reconstrução” de Bally e Sechehaye, a posterioridade não teria conhecido tão publicamente as ideias do autor genebrino “portanto, a existência do CLG é um fato de importância histórica” (p. 47 – tradução nossa).⁵ Nosso entendimento quanto às fontes manuscritas segue o argumento de Normand (2009) para quem os textos manuscritos e os cadernos dos alunos possuem papel de complementar do CLG ou para promover ocasionais correções deste último, sem que se possa substituí-lo: “não se trata, evidentemente, de ignorar os trabalhos filológicos, mas de resguardar-lhes seu papel de complemento e correção eventual, recusando que eles sejam obstáculos a uma primeira reflexão sobre o Curso (NORMAND, 2009, p. 18).

2. PAUL E SAUSSURE NOS MANUAIS INTRODUTÓRIOS DE LINGUÍSTICA: O PROBLEMA DA ANALOGIA

Apesar da contribuição do pensamento de Saussure para a Linguística Moderna (cf. ROBINS, 1979 p. 163), sabe-se que o autor inicia o ofício de linguista durante o século XIX, portanto, tem a Linguística histórico-comparativa como pano de fundo. De fato, os únicos trabalhos publicados em vida por Saussure inscrevem-se na perspectiva histórica amplamente aceita por seus contemporâneos e foi este exercício que lhe consagrou notoriedade em Paris devido ao escopo e a novidade dos resultados expostos na célebre *Dissertação sobre o sistema primitivo das vogais das línguas indo-europeias* (1878)⁶, obra ainda considerada uma das mais belas no campo da Linguística histórico-comparativa (MORPURGO DAVIES, 2004).

Nesse sentido, é possível encontrar referências ao trabalho histórico do autor genebrino em manuais introdutórios de Linguística, mais comumente como um dos

³ « Developed most of his ideas concerning general linguistics in the early 1890s and certainly much earlier than 1901 »

⁴ « Structuralist *avant la lettre* »

⁵ « Hence the existence of the CLG is itself a fact of historical significance »

⁶ *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*

participantes da Escola Neogramática (cf. MOUNIN, 1970). Paveau e Sarfati (2006) também situam o nome de Saussure ao lado do de K. Brugmann, protagonista da Escola Neogramática, ao defenderem que a publicação da *Dissertação* adota os procedimentos metodológicos formulados pelos Neogramáticos: “o exame dos fatos disponíveis com a formulação de princípios hipotético-dedutivos que autorizam a reconstrução de mecanismos linguageiros há muito tempo desaparecidos” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 27). Esse critério autorizaria, de acordo com os autores, incluir Saussure como um dos participantes da Escola justificado pelo “alto grau de abstração do cálculo das leis fonéticas” na *Dissertação* de Saussure. Por esses motivos, concluem os autores que “Saussure, participa, então, plenamente do movimento Neogramático” (op. cit., 27).

Com efeito, Saussure (1970) encerra o fim do capítulo I do CLG: Visão geral da História da Linguística – capítulo em que traça uma rápida apresentação do panorama da Linguística – com uma menção modesta aos *Junggrammatiker*⁷, o que parece colocá-los como a última formulação em Linguística.

Seu mérito [dos neogramáticos] consistiu em colocar perspectiva histórica todos os resultados da comparação e por ela encadear os fatos em sua ordem natural. Graças aos neogramáticos não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si só, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Ao mesmo tempo, compreende-se quão errôneas e insuficientes eram as ideias da Filologia e da Gramática Comparada (SAUSSURE, 1970, p. 12).

Não são raras as referências encontradas em manuais sobre a mudança de direção operada pela Escola Neogramática na história da Linguística do século XIX. Kristeva (2007, p. 214), por exemplo, anuncia que “os sinais precursores de uma verdadeira ciência linguística autônoma, destacada da gramática e da filologia” se deve aos Neogramáticos. No texto de Mounin (1970) encontramos uma interpretação do autor sobre o impacto do advento Neogramático para Saussure e seus contemporâneos: “se aperceberam muito claramente os contemporâneos de Bréal, de Saussure e Meillet, para quem, os Neogramáticos marcam, na data charneira de 1878, a passagem da Gramática Comparada a uma plena e propriamente dita Linguística histórica” (MOUNIN, 1970, p. 212).

Curiosamente, lemos em Godel (1957) uma separação menos nuançada entre a Gramática Comparada e a Escola Neogramática, a partir das anotações tomadas por Riedlinger na ocasião do segundo curso de Linguística geral, quando Saussure separa dois momentos decisivos na história da Linguística oitocentista, notadamente distintos daqueles

⁷ O título *Junggrammatiker* foi empregado aos novos pesquisadores ligados à Universidade de Leipzig por causa do tom revolucionário de suas ideias em relação à corrente linguística que lhes antecedeu sendo aceito posteriormente pelos participantes do grupo.

estabelecidos no CLG. Um dos erros e dos problemas que incorreram a “Linguística indo-europeia de 1816 a 1870 [...] erros na natureza do fenômeno analógico (GODEL, 1957, p. 75 – tradução nossa).⁸ Em seguida, Saussure comenta a orientação que se segue após esse período histórico.

A nova escola (Direção neogramática): influência de Whitney, das obras dos romanistas e germanistas. Advento do método histórico; a linguagem encarada como um produto do espírito coletivo das sociedades humanas; **justa apreciação do fenômeno analógico**; estudo de fonologia. A partir de então, uma visão mais justa do indo-europeu (GODEL, 1957, p. 75 – grifos meus; tradução nossa).⁹

Importante recuperar rapidamente a data de publicação do primeiro número do periódico *Pesquisas Morfológicas* (1878), publicado por Osthoff e Brugmann, cujo prefácio ficou conhecido como o manifesto Neogramático. Na passagem acima, Saussure faz referência explícita aos Neogramáticos, mas não cita outros autores contemporâneos, com exceção de Whitney.

O trabalho teórico “fundamental para [compreender] o pensamento dos neogramáticos são os *Princípios fundamentais da história da língua* (doravante *Princípios* ou *Prinzipien*) (1880), de Paul, que foi frequentemente reescrito e atualizado até a morte do autor” (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 246 – tradução nossa)¹⁰. Um dos conceitos formulado pelo autor dos *Prinzipien* é a analogia, todavia, não é a definição desse autor que se veicula em manuais introdutórios que abordam o conceito de analogia na doutrina Neogramática. Em realidade, os manuais apresentam a analogia, brevemente, como uma das causas principais da mudança das línguas, invocada pelos Neogramáticos, para explicar as exceções ao caráter necessário da mudança fonética, quando os resultados regulares do fator fonético são perturbado pela criação de formas, pelos locutores, “em conformidade com outros elementos da mesma língua, com base em uma semelhança mais frequentemente sonora” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 29).

Há evidência textual suficiente para comprovar que Saussure foi leitor dos *Princípios* de Paul (JOSEPH, 2008 apud KOERNER, 2008, p. 128-129). Nesse sentido, Koerner (2008) assinala que “a influência de Paul em Saussure é óbvia [e] os *Prinzipien* de Paul deve ser

⁸ « *La linguistique i.-e. de 1816 à 1870 [...] erreurs sur la nature du phénomène analogique* »

⁹ « *La nouvelle école (junggrammatische Richtung): influence de Whitney, des travaux des romanistes et germanistes. Avènement de la méthode historique; la langue envisagée comme produit de l'esprit collectif des sociétés humaines; juste appréciation du phénomène analogique; étude de la phonologie. Dès lors, vue plus justes sur l'indo-européen* »

¹⁰ « *Fundamental [to understand] the neogrammarians' thought is Paul's Prinzipien der Sprachgeschichte (1880), which was frequently rewritten and updated until the author's death* »

considerado uma fonte importante de inspiração linguística de Saussure” (p. 102-103)¹¹. Segundo o historiador, os manuais de Linguística fizeram do linguista germânico “o notório apóstolo do historicismo” (KOERNER, 2008, p. – tradução nossa)¹² ao apagarem convenientemente “os aspectos ‘estruturais’ da sua teorização (KOERNER, 2008, p. – tradução nossa)¹³” isto é, a reflexão mais geral e teórica sobre as línguas, conforme a crítica que faz aos manuais abaixo:

Essa perspectiva sobre Paul foi repetida por outros (por exemplo, Mounin, 1967, p. 210), (Robins, 1995 [1967], pp. 209-210), que não tinham mais nada a dizer sobre um estudioso que exerceu uma forte influência sobre o pensamento linguístico na Europa e na América entre 1880 e 1920, período durante o qual cinco edições de seu *Prinzipien* [...] apareceram (KOERNER, 2008, p. 103 – grifos nossos; tradução nossa).¹⁴

Assim como ignoraram o reconhecimento da diferença da perspectiva histórica em relação à abordagem descritiva nos *Princípios*: “Na verdade, Paul se mostrou muito ciente das diferenças fundamentais entre o que agora chamamos de abordagem sincrônica e diacrônica para a análise da linguagem” (KOERNER, 2008, p. 110 – tradução minha)¹⁵.

Apesar dos apontamentos, sabemos que Saussure (1970) foi fortemente crítico a muitos dos postulados dos Neogramáticos e afirmou haver problemas remanescentes em Linguística mesmo após a contribuição desse grupo: “não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão [ao referir-se à Escola Neogramática], e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução” (p. 12).

Pelo exposto, parece oportuno investigar de perto um princípio comum ao texto de Saussure e ao de Paul, a analogia. Com o objetivo de investigar as possíveis relações epistemológicas entre o que o autor germânico propõe para esse conceito e a definição de analogia apresentada na reflexão linguística de Saussure, vamos nos valer do seguinte *corpus* de análise: os *Princípios fundamentais da história da língua*, de Paul e o *Curso de Linguística Geral* (CLG), de Saussure.

¹¹ « *Paul’s influence on Saussure is obvious [and] Paul’s Prinzipien should be regarded as an important source of Saussure’s linguistic inspiration* »

¹² « *The notorious apostle of historicism* »

¹³ « *The ‘structural’ aspects of his theorizing* »

¹⁴ « *This perspective on Paul was repeated by others (e.g., Mounin, 1967, p. 210), (Robins, 1995 [1967], pp. 209–210), who had nothing else to say about a scholar who had exerted a strong influence on linguistic thinking in Europe and America between 1880 and 1920, during which time five editions of his Prinzipien [...] had appeared* »

¹⁵ « *In fact Paul showed himself very much aware of the fundamental differences between what we now call the synchronic and the diachronic approach to language analysis* »

2.1. Paul

Nos *Princípios*, Paul (1966 [1880]) propõe dois conceitos de analogia que não devem ser confundidos (cf. MORPURGO DAVIES, 2000). O primeiro se caracteriza como o processo de criação de palavras e sentenças pelo indivíduo na produção da fala, além de ser a condição de possibilidade de ocorrência do segundo, quando a analogia se torna uma causa de mudança linguística: “analogia na produção da fala e analogia na mudança linguística [...] esta última é relevante quando a substituição ocorre no tempo; a primeira está, na visão de Paul, presente em todos os atos de fala. A última, no entanto, depende da primeira” (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 257 – grifos nossos; tradução nossa)¹⁶.

Para Paul (1966 [1880]), o indivíduo não reproduz de memória a língua falada na conversação, em realidade, as palavras são criadas e recriadas por uma atividade contínua baseada nos agrupamentos e cruzamentos de “proporções análogas entre palavras diferentes” (p. 118) no momento da produção da fala e “as frases que dizemos, poucas são as que aprendemos de cor; a maior parte delas são formadas no momento mesmo” (op. cit., p. 121) por uma atividade combinatória que “se baseia na existência dos grupos de proporções [...] que adquiriram um determinado grau de solidez [e] são de importância eminente para toda a actividade da fala e para toda a evolução da língua” (op. cit., p. 120 – grifos nossos), tendo em vista que toda modificação do uso da língua tem sua origem pela produção da fala através da ação dos grupos de proporções de palavras.

Sendo assim, o conceito de analogia na produção da fala refere-se aos processos de associação e combinação de proporções de palavras na mente humana que, por sua vez, presidem a atividade da fala: “analogia, somos informados, é um fator essencial e indispensável da produção da fala” (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 256 – tradução nossa)¹⁷ porque o indivíduo continuamente “cria ou recria formas [...] com base na analogia com outras formas” (op. cit., p. 256 – grifos nossos; tradução nossa)¹⁸. Assim, o autor se afasta da discussão sobre o papel da analogia na modificação linguística “da abordagem puramente histórica” (op. cit., p. 256 – tradução nossa)¹⁹ para tratar da analogia na produção da fala “em termos de associações e analogia proporcional” (op. cit., p. 257)²⁰.

¹⁶ « *Analogy in speech production and analogy in language change [...] the latter is relevant when replacement occurs in time; the former is, in Paul's view, present in every speech act. The latter, however, depends on the former* »

¹⁷ « *Analogy, we are told, is an essential and indispensable factor of speech production* »

¹⁸ « *Create or re-create forms [...] on the basis of analogy with other forms* »

¹⁹ « *From the purely historical approach* »

²⁰ « *In terms of associations and proportional analogy* »

Nesta perspectiva, quase todas as palavras de uma língua estão associadas em grupos de relação que se situam na mente: “não há por assim dizer palavra nenhuma, seja em que língua for, que esteja absolutamente fora de qualquer um dos grupos [de proporções]” (PAUL (1966 [1880]), p. 120) em função da atração mútua que estabelecem entre si “no interior do espírito” (op. cit., p. 119), portanto cumpre investigar, primeiro, a atividade criadora do indivíduo já que “fazemos injustiça a este factor da vida da língua [a analogia na produção da fala] se só começamos a considerá-lo quando ele provoca uma modificação no uso” (op. cit., p. 120).

Na compreensão de Paul, há um princípio que rege as modificações da língua, uma diferença “importante de ordem muito geral” (op. cit., p. 42) sobre os processos de mudanças linguísticas. O processo de modificação por analogia opera uma substituição, i.e., a modificação de uma forma por outra forma: “o desaparecimento do antigo e o aparecimento do novo efectua-se pelo mesmo acto” (PAUL, 1966 [1921], p. 42). Na classificação das modificações do uso, o autor afirma que as mudanças podem incidir sob o aspecto fonético e semântico isoladamente, como acontecem respectivamente nas mutações fonéticas e semânticas, ou levando-se em consideração ambos os aspectos fonético e semântico. Este último é o caso da analogia, cujo processo pressupõe a reorganização de “elementos fonéticos da língua já existentes [para] entrarem em novas combinações por causa do significado que tomam [...] o factor mais importante é a analogia [...] [que] exerce [...] a sua principal acção onde o significado coopera simultaneamente (op. cit., p. 43).

A substituição de formas por analogia acontece à revelia do indivíduo, não há consciência do indivíduo em relação aos fenômenos psíquicos que ocorrem na mente dele, na instância mental onde acontecem os processos de evolução língua “*uma grande quantidade de fenómenos psíquicos se consomem sem consciência clara e que tudo o que alguma vez existiu na consciência permanece no subconsciente como momento activo*” (op. cit., p. 34 – grifos no original). A formação dos grupos de palavras por associações e combinações na mente constitui-se como produtos de interações conscientes que o indivíduo mantém com os demais em sociedade ao falar, pensar e escutar porque “absolutamente nenhuma ideia introduzida no consciente através da atividade da fala pode desaparecer sem deixar vestígios” (op. cit., p. 35).

A analogia seria, portanto, um fenômeno de criação espontânea de formas regulares e usuais pelo indivíduo presente na produção da fala e se aplica, principalmente, ao nível morfológico e sintático de formação da língua (MORPURGO DAVIES, 2000). Para o autor dos *Princípios*, a substituição de palavras por analogia pressupõe a ação dos grupos mentais na produção da fala, por isso a analogia na produção da fala é “muito mais geral [do que a

analogia na mudança linguística]; é o que nos permite criar formas "corretas" e "regulares" que não ouvimos antes ou que podemos ter ouvido, mas não memorizamos” (op. cit., p. 258 – tradução nossa)²¹.

A formação de uma palavra por analogia na produção da fala se opera de acordo com a fórmula de uma “redução dum equação de proporções através da criação dum segundo membro de proporção segundo o modelo de proporções análogas já tornadas correntes, para uma palavra igualmente corrente” (PAUL, 1966 [1880], p. 121). Segundo o autor, a formação por analogia requer “pelo menos três membros que sirvam para início de uma tal equação” e “cada um tem de ser de qualquer modo comparável aos outros [...] tem de mostrar uma certa concordância com um no fator material, com outro no fator formal” (PAUL, 1966 [1921], p. 126 – grifos nossos). A criação e recriação de palavras se explica pela concordância dos membros da fórmula proporcional. Morpurgo Davies (2000) esclarece que:

deve haver acordo "material" e "formal" entre seus membros. Isso se refere ao seu entendimento [de Paul] dos grupos associativos como sendo "materiais", ou seja, compartilhando um valor lexical comum (como nas várias formas flexionadas do *animus*) ou "formais", ou seja, compartilhando propriedades gramaticais e fonológicas comuns (como *animus* e *senatus*, que são formas nominativas singulares terminando em -us) (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 258 – tradução nossa)²².

Algumas palavras e frases da língua são empregadas na conversação com o auxílio da memória do indivíduo, por essa razão Paul lança mão da discussão sobre a aprendizagem da língua materna para explicar a fixação das formas usuais da língua na memória do indivíduo. Para Paul, o processo de formação de palavras e sentenças da língua se internaliza na mente como resultado da experiência do indivíduo, que deduz a regra de formação inconscientemente por causa dos exemplos aos quais é submetido no processo de aprendizagem: “vamos ouvindo uma série de frases que se formam do mesmo modo e por isso se juntam num grupo. O elemento comum vai se reforçando pela repetição e assim se deduz inconscientemente a regra a partir dos exemplos” (PAUL, 1966 [1880], p. 121).

Contudo, o indivíduo não dispõe na memória “a maior parte das frases que dizemos [elas] são formadas no momento mesmo” (op. cit., p. 121 – grifos nossos) com base nos grupos de proporções, os quais fornecem ao indivíduo a possibilidade, inclusive “de exceder aquilo que na língua era já usual” (op. cit., p. 124), por causa da segurança que confere ao

²¹ « *Far more pervasive [than analogy in language change]; it is what allows us to create 'correct' and 'regular' forms that we have not heard before or we may have heard but not memorized* »

²² « *There must be 'material' and 'formal' agreement between its members. This refers to his [Paul's] understanding of the associative groups as being either 'material', i.e., sharing a common lexical value (as in the various inflected forms of *animus*) or 'formal', i.e., sharing common grammatical and phonological properties (as *animus* and *senatus*, which are both nominative singular forms ending in -us* »

indivíduo já que as formas “são contínua e firmemente criadas sem que a pessoa que fala tenha a sensação de abandonar o chão firme do aprendido” (op. cit., p. 121). A criação por analogia se explica, portanto, através da ação dos grupos de proporções e não importa se se cria uma forma corrente ou um neologismo análogo a uma forma corrente:

É absolutamente indiferente para a natureza deste processo se se cria qualquer coisa que já antes foi usual na língua ou qualquer coisa inexistente até aí. No fundo, também não importa se o que se cria de novo está em contradição com o que até aí se usou. (PAUL, 1966 [1880], p. 121)

Porque o indivíduo associa a maioria das formas usuais da língua em grupos de relação, o isolamento de uma palavra demanda uma aprendizagem especial para que possa ser registrada na memória caso a forma não possua muita intimidade de associação às palavras já agrupadas, ou seja, se a palavra não se agrupar intimamente aos grupos relacionais “tudo o que não é apoiado por qualquer grupo ou o é só em muito pequena medida, não é suficientemente resistente contra o poder dos grupos maiores se não for gravado na memória com intensidade especial por uma repetição frequente” e no caso de não ser gravada poderá levar ao desaparecimento “da contradição com a regra geral, o sentido da língua torna-se inseguro e isso pode levar finalmente ao desaparecimento de construções” (PAUL, 1966 [1880], p. 122).

O autor germânico explica que a formação por analogia inconforme ao uso corrente pode ter a aparência de uma “transgressão ao uso” (op. cit., p. 124) e mesmo levar à modificação linguística ou não da forma anterior quando “depois de tornado hábito [a forma criada], voltar a perder-se, enquanto nos apropriamos do usual através do convívio” (op. cit., p. 125). O destino do neologismo individual se explica por causa do organismo mental e pelos processos de criação e recriação do indivíduo, assim como pela influência que pode vir a sofrer dos demais “cada indivíduo tem um certo grau de liberdade no uso da língua e também pode estar sujeito a influências diferentes de outros indivíduos” (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 249 – tradução nossa)²³.

A lembrança da forma não emerge na memória do indivíduo durante o processo mental de criação da forma por analogia “a imagem de recordação [da forma anterior] pode ser tão reduzida que não chegue a sobrepor-se à formação por proporção, e esta se realize sem obstáculos” (PAUL, 1966 [1880], p. 124 – grifos nossos), importa somente o sentimento do indivíduo criador do neologismo “basta que o respectivo indivíduo não sinta qualquer contradição em relação ao que até aí aprendeu” (op. cit., p. 121). Essa “transgressão ao uso”

²³ « *Each individual has a certain degree of freedom in his or her use of the language and that he or she may also be subject to different influences from other individuals* »

pode parecer um erro ao se limitar a um indivíduo e “não é provável que [a formação por analogia] se espalhe; no entanto, em circunstâncias adequadas, se a mesma criação ocorrer em vários indivíduos, ela pode fazer desaparecer a forma que era anteriormente atual e se tornar aceita” (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 257 – grifos nossos; tradução nossa)²⁴.

Portanto, a criação do neologismo análogo não implica o desaparecimento súbito da forma já existente, em realidade, a primeira pode vir a substituir a segunda ou não, mas a substituição sempre dependerá do relacionamento linguístico dos indivíduos, da influência dos indivíduos da mesma comunidade linguística, assim como da passagem de uma geração para a outra:

Não é concebível que a primeira [forma] empalideça simultaneamente em todos os indivíduos, de forma que a palavra formada por analogia possa impor-se sem obstáculos. Muito mais frequentemente acontece que alguns indivíduos conservam sempre a velha fórmula enquanto que os outros se servem já do neologismo [...] Mas continuando a haver entre uns e outros um convívio constante, acabará por dar-se um ajustamento. Portanto ambas as formas têm de tornar-se correntes para um número maior ou menor de indivíduos. Só depois de longa luta entre ambas as formas é que o neologismo pode reinar sozinho. (PAUL, 1966 [1880], p. 125-126 – grifos nossos).

Na verdade, a substituição da forma usual pelo neologismo depende da produção e reprodução dessa forma nova “dentro de um círculo estreito, [quando] se produz espontaneamente o mesmo neologismo num grande número de indivíduos (PAUL, 1966 [1880], p. 125). O fator que garante a continuidade da transmissão da formação analógica é “o fato de que os processos psicológicos essenciais são os mesmos para todos” (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 248 – tradução nossa)²⁵, isto é, o processo “baseia-se na concordância preponderante que preside à organização dos grupos de ideias que se referem à língua” (PAUL, 1966 [1880], p. 125).

A consequência da modificação linguística por analogia se explica em função da natureza do processo da analogia mental que preside a produção da fala. O problema da analogia na produção da fala de fato toca no problema relativa ao funcionamento da língua e antecede às questões sobre a mudança linguística: “Paul se propõe a ilustrar suas visões teóricas [...] e (sem realmente reconhecer este procedimento) trata dos aspectos gerais de método linguístico, bem como as questões "sincrônicas" da linguagem antes de discutir as

²⁴ « *It is not likely to spread; however, in suitable circumstances, if the same creation occurs in a number of individuals it may oust the form which was previously current and become acceptable* »

²⁵ « *The fact that the essential psychological processes are the same for everyone* »

questões da mudança linguística” (KOERNER, 2008, p. 113 – grifos nossos; tradução nossa)²⁶.

Assim, é o processo de analogia na atividade da fala que pode ter efeito de mudança linguística porque o que ocorreu no uso individual pode se tornar aceito pela coletividade, ou seja, a criação por analogia na produção da fala de um indivíduo pode se tornar aceita e esse processo leva à modificação linguística por analogia, como sintetiza Morpurgo Davies (2000):

uma vez que a possibilidade de criações analógicas, ou seja, de analogia sincrônica, é aceita, o problema histórico, o da mudança analógica, torna-se fácil de resolver, embora, é claro, permaneça aquela margem de incerteza que caracteriza todos os eventos históricos (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 257 – tradução nossa).²⁷

2.2. Saussure

Saussure define a analogia como o fenômeno de criação de “uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada” (SAUSSURE, 1970, p. 187) e que “se exerce em favor da regularidade [...] dos processos de formação e de flexão de uma língua (op. cit., p. 188 – grifos nossos) quando a mudança fonética os altera, portanto, a analogia “tem ação unificadora” (op. cit., p. 188). Contudo, o “capricho” da analogia é tornar impossível de prever sobre quais formas a criação poderá incidir, assim como a extensão de sua ação e os modelos que serão adotados para formá-la, pois há formas que simplesmente resistem à pressão analógica.

Engler (1968) recolhe em seu *Lexique de la terminologie saussurienne* duas definições de analogia. No primeiro verbete, a analogia é uma criação baseada na fórmula exposta a seguir:

criação → paraplasmata, instalação de uma concorrente [→ forma analógica] ao lado de uma forma que pode ir tão longe quanto a substituição de uma forma criada por associação com uma forma tradicional → procedimento (≠ processo) baseado em três elementos (o tipo transmitido, o concorrente, → o entorno associativo), prestado pela fórmula da 4ª proporcional (ENGLER, 1968, p. 12 – tradução nossa)²⁸.

²⁶ « Therefore, Paul proposes to illustrate his theoretical views [...] and (without actually acknowledging this procedure) treats general aspects of linguistic method as well as ‘synchronic’ matters of language first before discussing questions of linguistic change »

²⁷ « Once the possibility of analogical creations, i.e., of synchronic analogy is accepted, the historical problem, that of analogical change, becomes easy to tackle, though of course there remains that margin of uncertainty which characterizes all historical events »

²⁸ « Création → paraplasmata, installation d'un concurrent [→ forme analogique] à côté d'une forme pouvant aller jusqu'à la substitution d'une forme créée par association à une forme traditionnelle → procédé (≠ processus) basé sur trois éléments (le type transmis, le concurrent, l'→ entourage associatif), rendu par la formule de la 4^e proportionnelle »

A criação analógica pode ser representada com base na operação análoga ao cálculo da quarta proporcional, “modelo matemático pelo qual se expressa um movimento em favor da regularidade” (CASTRO, 2018, p. 819), conforme o exemplo abaixo:

$$\begin{array}{l} \bar{o}r\bar{a}t\bar{o}rem : \bar{o}r\bar{a}tor = hon\bar{o}rem : x \\ x = honor \end{array}$$

O exemplo *ōrātōrem: ōrātor, honōrem: x* representa como *honor* formou-se pela relação de associação com as outras formas acima segundo o esquema dos moldes da quarta proporcional. Note-se a necessidade de três formas da língua cujos padrões regulares participaram da formação “criada por associação” (GODEL, 1957, p. 57 – tradução nossa)²⁹ de *honor*, o que não implicou o desaparecimento instantâneo da forma tradicional com a qual nova forma concorrerá, i.e., quando a criação analógica surge materializada pela fala individual, ela “não acarreta necessariamente o desaparecimento daquela a que vem duplicar” (SAUSSURE, 1970, p. 190) e pode ser aceita ou não pela massa falante em um segundo tempo. As duas formas podem ser conservadas e coexistirem até que o desuso, geralmente da mais antiga leve ao “desaparecimento da forma antiga, que cai em desuso devido à sua irregularidade” (GADET, 1987, p. 109 – tradução nossa)³⁰. Para Saussure (1970), o desaparecimento é um “fenômeno independente do primeiro [do fenômeno da criação analógica]” (p. 190).

Na perspectiva saussuriana, a analogia é uma atividade inconsciente de comparação (CASTRO, 2018) pelo sujeito falante que se submete ao esquecimento momentâneo, o que significa que o fenômeno analógico não é efetivamente intencionado. Por essa razão, Saussure distingue cuidadosamente os termos ‘intenção’ e ‘vontade’ (cf. Joseph, 2012), pois na criação analógica “não há jamais premeditação” (CASTRO, 2018, p. 821). O sujeito falante e seu saber linguístico “preside[m] o uso vivo da língua: [ele é um] saber adquirido e implícito” (NORMAND, 2004, p. 94) e é assim que a atividade criadora da analogia permite ao falante criar uma forma segundo a operação de escolha e combinação de formas do sistema de sua língua.

Dado o problema da memória ou da inconsciência do sujeito falante na analogia, fica claro que a forma tradicional não participa da geração da criação por analogia uma vez que a primeira simplesmente não se encontra na consciência do sujeito falante durante o fenômeno de criação: “a condição fundamental para esta criação é certamente o esquecimento

²⁹ « *Crée par association* »

³⁰ « *Disparition de la forme acienne, qui tombe en désuétude du fait de son irrégularité* »

<momentâneo> da forma legítima até então existente. A forma herdada é a única que não participa da formação do novo tipo” (SAUSSURE/RIEDLINGER, 1996, p. 61 apud JOSEPH, 2012, p. 504 – tradução nossa)³¹.

Sendo assim, a analogia permite a criação de formas, mas não opera uma troca ou substituição de uma forma antiga por outra concorrente, o que leva o autor genebrino a questionar a ação da analogia na mudança linguística: “serão eles [os fenômenos analógicos], como comumente se acredita, mudanças? (SAUSSURE, 1970, p. 189). Para ele, esse erro de interpretação sobre a natureza da analogia se deve às práticas dos linguistas anteriores, que estabeleciam uma mudança entre formas historicamente relacionadas segundo a pressão analógica, cujo resultado “faz crer numa transformação” (op. cit., p. 190). No entanto, a substituição de formas é a “a eliminação da forma tradicional que dá a ilusão de uma mudança” (GODEL, 1957, p. 57 – tradução nossa)³² decorrente da relação estabelecida entre “um termo suplantado pelo novo, um metaplasmo” (SAUSSURE, 1970, p. 189).

A segunda definição de analogia fornecida por Engler (1968) é de que esse conceito é a “relação, semelhança entre várias coisas diferentes: qualquer relacionamento de analogias também implica o relacionamento de diferenças” (p. 12 – tradução nossa)³³. Com efeito, Saussure (1970) assinala que o princípio da “criação analógica se confunde com o princípio das criações linguísticas em geral” (p. 191), trata-se “do princípio geral que define a língua como um sistema de relações” (NORMAND, 2004, p. 95), razão pela qual “toda aproximação das analogias implica também a aproximação das diferenças” (SAUSSURE/RIEDLINGER, 1996, p. 67 apud CASTRO, 2018, p. 822), portanto o fenômeno analógico é “para o estudo do funcionamento da língua, um aspecto complementar do jogo de relações no mecanismo” (GADET, 1987, p. 110)³⁴.

Porque a criação analógica convoca a presença do sujeito falante justifica a analogia ser “de ordem psicológica” (SAUSSURE, 1970, p. 191), porém Saussure acrescenta a esse conceito a ordem gramatical: “ela [a analogia] supõe a consciência e a compreensão de uma relação que une as formas entre si” (op. cit., p. 191). Isso se refere ao ponto de vista do autor sobre o mecanismo interno de funcionamento da língua mediante as relações associativas e sintagmáticas que definem as unidades no âmbito do sistema, portanto, em um estado de

³¹ « *The fundamental condition for this creation is certainly the <momentary> forgetting of the legitimate form existing up to that point. The inherited form is the only one which does not participate in forming the new type* »

³² « *L'éviction de la forme traditionnelle qui donne l'illusion d'un changement* »

³³ « *Rapport, similitude entre plusieurs choses différentes: tout rapprochement des analogies implique aussi le rapprochement des différences* »

³⁴ « *Pour l'étude du fonctionnement de la langue, un aspect complémentaire du jeu des rapports dans le mécanisme* »

língua “estados de língua contêm tudo que chamamos ou deveríamos chamar de gramática: a gramática, com efeito, pressupõe um sistema de unidades contemporâneas entre eles” (GODEL, 1957, p. 63 – tradução nossa).³⁵

Ao atribuir a natureza gramatical em analogia, Saussure precisa enfrentar o paradoxo representado pelo resultado fornecido por ela “o papel da fala [...] na operação e se pôr em frente ao ato de fala para compreender a operação da analogia” (CASTRO, 2018, p. 819), isto é, o produto que se apresenta na fala pela materialidade fônica como elemento inédito à língua que pertence à execução individual. A analogia se transforma em um problema para Saussure na medida em que “o quebra-cabeça colocado pela mudança analógica é que seu produto [...] é uma forma que não faz parte da língua no momento de sua criação. No entanto, está sendo produzido por analogia proporcional nas mentes de falantes individuais” (JOSEPH, 2012, p. 506 – grifos nossos; tradução nossa)³⁶.

Para o autor genebrino, a forma analógica surge na fala individual do falante, “é a obra ocasional de uma pessoa isolada. É nessa esfera, e à margem da língua, que convém surpreender primeiramente o fenômeno” (SAUSSURE, 1970, p. 192). À língua concernem as relações das formas que se associam: “a compreensão da relação que une as formas geradoras entre si” (op. cit., p. 192), por outro lado, os elementos materialmente percebidos “são construções repentinas, por ocasião da fala” (GODEL, 1957, p. 61 – tradução nossa)³⁷ e compreendem o “resultado sugerido pela comparação, a forma improvisada pelo falante para a expressão do pensamento” (SAUSSURE, 1970, p. 192).

Por meio dessa intrincada relação dos domínios da língua e da fala, o autor afirma que a analogia “nos faz tocar com o dedo o jogo do mecanismo linguístico” (op. cit., p. 192), pois leva o linguista a tornar visível as relações que o sujeito falante realiza inconscientemente, por meio da coordenação do mecanismo da língua, com a forma que se apresenta materialmente na fala e que pode ser representada pela operação análoga ao cálculo da quarta proporcional: “é, assim, particularmente propício para tornar visível [...] o funcionamento corrente das relações dentro do sistema, constituindo para o linguista o equivalente de uma experiência analisável” (NORMAND, 2004, p. 93-95 – grifos nossos). A preocupação de Saussure em separar língua e fala na analogia demonstra uma bifurcação em linguística, ajuda “a separar a língua da fala” (SAUSSURE, 1970, p. 192).

³⁵ « *Les états de langue contiennent tout ce qu'on appelle ou devrait appeler grammaire: la grammaire, en effect, suppose un système d'unités contemporaines entre elles* »

³⁶ « *The puzzle posed by analogical change is that [...] its product [...] is a form that is not part of the language at the time of its creation. Yet it is being produced by proportional analogy in the minds of individual speakers* »

³⁷ « *Sont des constructions subites, à l'occasion de la parole* »

Conforme Saussure declara, o fenômeno analógico se realiza antes do surgimento da forma na fala, porque a atividade da língua é contínua e nela “contém em si não somente todas as possibilidades de um falar conforme ao uso, mas também todas as possibilidades de formações analógicas” (op. cit., p. 192). O fenômeno analógico compreende a “comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas” (op. cit., p. 192) por isso “uma criação analógica [...] só reúne elementos que existem de outra forma, mas não estão agrupados em um sintagma” (GADET, 1987, p. 110 – grifos nossos; tradução nossa)³⁸, o que explica por que a formação por analogia não “se produz no momento em que surge a criação; seus elementos já estão dados [...] já existe[m] em potência na língua [...] e sua realização na fala é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la (SAUSSURE, 1970, p. 193 – grifos nossos).

A analogia deve ser interpretada, portanto, como uma das operações do sujeito falante com o mecanismo do funcionamento da língua, por isso ela “não passa de um aspecto do fenômeno de interpretação, uma manifestação da atividade geral que distingue as unidades para utilizá-las em seguida. Eis porque dizemos que [a analogia] é inteiramente gramatical e sincrônica” (op. cit., p. 193). Para Gadet (1987), referindo-se ao que propõe Saussure, “é radicalmente nova a apresentação da analogia como um fenômeno inteiramente gramatical e sincrônico, assimilável ao mecanismo comum da língua” (p. 109 – tradução nossa)³⁹.

Muitas criações analógicas manifestas pela fala não terão destino na língua, jamais repercutem no sistema: “são combinações sem futuro, que a língua provavelmente não adotará” (SAUSSURE, 1970, p. 196), mas mesmo essas formações possuem o caráter de regularidade e se explicam segundo a operação análoga ao cálculo da quarta proporcional “da mesma maneira que as que a língua aceitou” (op. cit., p. 196). Por isso, Saussure conclui que a analogia propriamente dita “não poderia ser, por si só, um fator de evolução [das línguas]”, a substituição de formas por analogia, porém, é um dado incontornável no estudo da evolução linguística porque “cada vez que uma criação se instala definitivamente e elimina sua concorrente, existe verdadeiramente algo criado e algo abandonado, e nesse sentido a analogia ocupa um lugar preponderante na teoria da evolução” (op. cit., p. 197), razão pela qual a analogia se situa na segunda bifurcação em linguística, no cruzamento dos eixos da sincronia e diacronia (CASTRO, 2018).

³⁸ « Une création analogique [...] ne fait que rassembler des éléments par ailleurs existants, mais non encore groupés en un syntagme »

³⁹ « Est radicalement nouvelle la présentation de l'analogie comme phénomène entièrement grammatical et synchronique, assimilable au mécanisme ordinaire de la langue »

O papel da analogia é, portanto, “mais considerável, inclusive, que o da mudança dos sons (SAUSSURE, 1970, p. 199) e o estudo das evoluções em sua integralidade deveria considerar a analogia um fator de evolução da língua tão significativo tal qual o é a mudança fonética, contudo, diferente desta última “o fenômeno da analogia é uma força transformadora da linguagem; mesmo que as criações analógicas não sejam transformações!!” (SAUSSURE/RIEDLINGER, 1997, p. 63 apud JOSEPH, 2012, p. 505 – tradução nossa).⁴⁰ O autor ainda informa que na história de cada língua, quase todos os elementos que resultam de fenômenos analógicos “são conservados; somente que se distribuem de forma diversa” (SAUSSURE, 197, p. 199-200) por esse motivo a analogia representa um fator de conservação linguística ao preservar formas da língua a partir de “combinações novas de elementos fônicos arrancados a formas mais antigas” (op. cit., p. 200), o que a torna “eminentemente conservadora” (op. cit., p. 200).

Com efeito, Saussure (1970) assume que não há criação *ex nihilo*⁴¹, em realidade, “ela [a analogia] utiliza sempre a matéria antiga para as suas inovações” (p. 200), pressupõe a reorganização de formas antigas no sistema da língua e “espera que sempre envolva o rearranjo do material previamente existente” (JOSEPH, 2012, p. 506 – tradução nossa)⁴² em um “estado de língua, [por isso a analogia] é eminentemente sincrônica” (CASTRO, 2018, p. 826).

Em segundo lugar, a analogia também garante a continuidade das formas de uma língua quando a estabilidade do sistema não altera significativamente o mecanismo relacional, isto é, as unidades perduram em função da organização estável do sistema: “que reforça o funcionamento normal do mecanismo, pois a estabilidade das formas está ligada ao seu enquadramento no sistema, e é na medida em que se pode analisar uma forma que se transmite intacta” (GADET, 1987, p. 111 – tradução nossa)⁴³. O exemplo fornecido por Saussure da forma latina *agunt* ilustra como essa forma foi transmitida quase intacta, ao longo de séculos, por obra da analogia: “não foi *agunt*, mas *ag-unt*; a forma não muda, porque *ag-* e *-unt* se verificavam regularmente em outras séries, e foi esse cotejo de formas associadas que preservou *agunt* ao longo do caminho” (SAUSSURE, 1970, p. 200) ou seja, as relações dessas formas com as demais foram transmitidas por causa da estabilidade no sistema: “sem

⁴⁰ « *The phenomenon of analogy is a transformative force of language; even though analogical creations are not transformations* »

⁴¹ Locução adverbial latina que significa em português brasileiro ‘do nada’ ou ‘nada vem do nada’.

⁴² « *Expects that it will always involve rearrangement of previously existing material* »

⁴³ « *En ce qu'elle conforte le fonctionnement ordinaire du mécanisme, car la stabilité des formes est liée à leur encadrement dans le système, et c'est dans la mesure où elle est analysable qu'une forme se transmet intacte* »

essa vizinha, teria muitas possibilidades de ser substituído por uma forma composta de novos elementos” (op. cit. p. 200).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paul e Saussure propõem conceitos distintos para explicar a analogia, mas o primeiro propõe que a criação da forma por analogia tem relação com o *uso*, e o segundo com a *língua*. Para o linguista germânico, a criação por analogia tem relação com a produção individual, na visão de Saussure, com a mobilização do sujeito falante. Ambos autores também situam a analogia como um fenômeno que incide no plano da *fala*.

Nos *Princípios*, o termo analogia remete a dois conceitos ou processos mentais. O primeiro e mais importante, de acordo com o autor, é a criação e recriação de palavras e frases regulares e usuais por meio de combinações e associações à semelhança de outras três formas segundo o uso e opera uma substituição de palavras etimologicamente relacionadas. Portanto, a analogia na produção da fala preside o uso de palavras na conversação e é a condição de possibilidade de ocorrência da analogia como causa de modificação linguística, quando a formação de uma palavra pela atividade da fala do indivíduo influencia o organismo psíquico dos demais e o acordo tácito dessa comunidade de falantes no uso da forma.

Por essa razão, o papel da analogia na produção da fala é logicamente anterior à ação da analogia como fator de mudança das línguas. A formação de uma palavra por analogia é uma atividade criadora do indivíduo e ocorre instantaneamente na atividade da fala e inconscientemente na mente, portanto não é intencionada por ele, mas decorre de um acidente mental ocasionado pela natureza dos grupos de proporções de palavras.

Para Saussure, observamos que o fenômeno analógico ocorre no plano psíquico, portanto, na esfera da língua, ele mesmo não constitui a criação analógica sensivelmente observável, que o pressupõe e pertence à fala. O fenômeno da analogia é de ordem psicológica e gramatical, pois permite ao sujeito falante criar uma forma ao combinar e associar inconscientemente elementos já existentes na língua por meio de relações, cujo resultado material poderá substituir a forma tradicional com a qual concorrerá ou não, porém o surgimento instantâneo da criação na fala individual não implica o desaparecimento imediato da forma mais antiga no sistema da língua.

A explicação do autor para o possível desaparecimento da forma tradicional baseia-se no acordo tácito segundo o qual a massa falante adota a criação por analogia devido aos seus padrões de formação regulares e vivos que revelam ser essa forma sentida como viva para a

massa falante. A consequência para a forma antiga é o desuso e o seu possível desaparecimento, o que provoca uma mudança na língua. Na perspectiva saussuriana, a analogia é um aspecto complementar e materialmente observável do jogo das relações do mecanismo de funcionamento da língua, ao qual não só as formações analógicas estão submetidas, mas todas as unidades da língua.

É verdade que Saussure conferiu à escola neogramática uma certa importância no que respeita ao fenômeno da analogia. Na compreensão do autor genebrino, os neogramáticos concederam à analogia “seu verdadeiro lugar, mostrando que ela, juntamente com as mudanças fonéticas, é o grande fator da evolução das línguas” (SAUSSURE, 1970, p. 189). No entanto, o conceito de analogia na atividade da fala de Paul (1966 [1880]) não tem a mesma consequência teórica do de Saussure, porque os neogramáticos se contentaram amplamente com análises e descrições tradicionais baseadas sobretudo nos dados positivos (MORPURGO DAVIES, 2004). Ao propor que a formação de palavras e frases por analogia é uma redução de proporções de palavras definidas em si mesmas e positivas, como atesta a distinção principal dos grupos de palavras entre grupos de matéria e de forma, Paul assume o espírito positivista compartilhado pelos jovens gramáticos, o que lhes impediu de adotar uma atitude voltada para abstração com a finalidade de pensar o que é subjacente e geral no fenômeno linguístico. Por outro lado, “a análise de Saussure levou [...] à identificação de estruturas subjacentes que, em certo sentido, forneceram essa “lógica de classificação” dos fatos linguísticos” (MORPURGO DAVIES, 2004, p. 28 – grifos nossos; tradução nossa)⁴⁴.

A analogia saussuriana revela como a elaboração teórica desse conceito é altamente produtiva e permite articular e mesmo separar teoricamente o lugar do sujeito falante no fenômeno linguístico, assim como as distinções sincronia/diacronia e língua/fala, como sustenta Gadet (1987):

A analogia, portanto, tem um papel importante na construção teórica de Saussure: [ela é] ponto-chave das relações como mobilização do associativo e sintagmático, ela também está na encruzilhada de duas dicotomias essenciais, ponte entre sincronia e diacronia e ponte entre língua e fala. É uma das maneiras pelas quais Saussure dá conta da criatividade, uma área da qual ele só pode abordar colocando uma flutuação entre a língua e a fala introduzida pelo lugar do sujeito (GADET, 1987, p. 111-112 – tradução nossa)⁴⁵.

⁴⁴ « *Saussure's analysis led [...] to the identification of underlying structures which in a sense provided that 'classification logique' of the linguistic facts* »

⁴⁵ « *L'analogie a donc un rôle important dans la construction théorique de Saussure: point clef des rapports comme mobilisation de l'associatif dans le syntagmatique, elle est aussi au carrefour des deux dichotomies essentielles, pont entre la synchronie et la diachronie et pont entre la langue et la parole. Elle est l'une des façons dont Saussure rend compte de la créativité, zone qu'il ne peut aborder qu'en posant un flottement entre langue et parole introduit par la place du sujet* »

Especificamente sobre a perspectiva sincrônica no estudo da linguagem, Morpurgo Davies (2000, 2004) defende que Paul já postula um “estudo da língua em que tanto a descrição quanto o estudo do desenvolvimento desempenhassem seu papel” (MORPURGO DAVIES, 2000, p. 249 – tradução nossa)⁴⁶, o que não significa dizer que existe aí uma preocupação igualmente direcionada às questões linguísticas relativas ao funcionamento da língua. Koerner (2008) também encontra nos *Princípios* uma preocupação de Paul com os problemas relativos ao funcionamento da língua e afirma que essa perspectiva será principal na reflexão do autor germânico “ambos os linguistas [Paul e Saussure] reconhecem a primazia da abordagem descritiva sobre o histórico, embora Paul se contradiga neste ponto em várias ocasiões ao não levar suas afirmações à sua conclusão lógica” (p. 112 – tradução nossa)⁴⁷. Com efeito, não há nessa obra uma reflexão teórica explicitamente articulada sobre o estudo histórico das línguas e a perspectiva de análise descritiva, pelo contrário, a ausência de uma formalização que separe teoricamente esses dois domínios confirma o postulado do autor de que a única via científica do estudo da linguagem é aquela que explica a história da língua.

Por outro lado, Saussure entende que a separação do domínio sincrônico do diacrônico é a condição de possibilidade de uma ciência da linguagem científica e autônoma, tendo a analogia um papel fundamental para reconhecer a sincronia como o plano linguístico em que as unidades da língua não são definidas por si mesmas, mas são efeitos de relações realizadas no âmbito do sistema da língua. A noção de sistema se revela intimamente ligada ao conceito de sincronia como o pano de fundo de que a massa falante de qualquer língua dispõe: “o fenômeno analógico é uma “criação” e Saussure o integra em sua teoria da língua, vendo aí uma operação da mesma ordem que a da atividade corrente dos locutores” (NORMAND, 2004, p. 96).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, I. de F.; FARIA, N. R. B. F. *de Saussure e os fundamentos da Linguística Moderna: a analogia e o conceito de sincronia*. Relatório Parcial – PIBIC/UFAL, 2020.
- ARRIVÉ, M. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CASTRO, M. F. P. de. Sobre a analogia na reflexão saussuriana. *DELTA*. v.34, n.3, São Paulo, 2018.

⁴⁶ « *Study of language in which both description and the study of development played their part* »

⁴⁷ « *Both linguists acknowledge the primacy of the descriptive approach over the historical one, although Paul contradicts himself on this point on several occasions and does not take his affirmations to their logical conclusion* »

CRUZ, M. A. Um aspecto da teoria saussuriana que Jakobson teria ignorado ou da relativização do caráter radical da separação entre sincronia e diacronia em Saussure. *Revista do GELNE*. v. 19, 2018, p. 248-259.

CRUZ, M. A.; FARIA, N. R. B. Novo retorno a Saussure: algumas reflexões sobre a circulação indefinida do nome de Ferdinand de Saussure. *Leitura*, v. 1, nº 62, 2019, p. 2-12.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J-M.; PUECH, C. *Uma história das ideias linguísticas*. São Paulo: Contexto, 2017.

ENGLER, R. *Lexique de la terminologie saussurienne*. Utrecht-Anvers: Spectrum. Comité international permanent des linguistes. Publication de la commission de terminologie, 1968.

GADET, F. *Saussure: Une science de la langue*. Paris: PUF, 1987.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. Genève: Librairie Droz, 1957.

JOSEPH, J. *Saussure*. United Kingdom: Oxford University Press, 2012.

KOERNER, E. F. K. Hermann Paul and general linguistic theory. *Language Sciences*. v. 30, 2008.

MORPURGO DAVIES, A. *History of Linguistics: Nineteenth-Century Linguistics*. v. IV. Cambridge: Routledge, 2000.

MORPURGO DAVIES, A. Saussure and Indo-European Linguistics. In: SANDERS, C. (Org.) *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

NORMAND, C. (Éd.) *Avant Saussure: choix de textes (1875-1924)*. Bruxelles: Éditions Complexes, 1978.

PAUL, H. *Princípios fundamentais da história da língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966 [1880].

ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1970.